

## **A relação entre a Igreja e o povo judeu: Da Declaração Nostra Aetate até hoje<sup>1</sup>**

Elio Passeto, nds  
Jerusalém, Israel

“Longe de substituir Israel, a Igreja mantêm-se em solidariedade com ele. Para os cristãos vindo das nações, o apóstolo Paulo os declara terem sido enxertados na seiva da boa oliveira que é Israel (Rm 11,16-17).<sup>2</sup>

Os passos dados pela Igreja nas décadas recentes, embora imperceptíveis na sua inteira dimensão, são indicadores de importantes mudanças. No entanto é somente a partir de uma perspectiva histórica pode ser medida a sua real profundidade. O ponto referencial de sensibilização foi o Concílio Vaticano II (1962-1965), convocado pelo então Papa João XXIII.

Este Concílio marcou um ‘antes’ e um ‘depois’ na história da Igreja. Em primeiro lugar, o trabalho promoveu uma análise profunda no âmago mesmo da Igreja. Um dos objetivos principais era refletir sobre os valores fundantes da Igreja, sobre sua própria identidade. O Concílio buscava responder várias questões implícitas como, por exemplo, a maneira como a Igreja se auto define, ou ainda, o que a define. Ou como entender seu mistério? O objetivo desta grande assembleia eclesial católica era tentar erradicar enormes camadas de práticas e comportamentos que não mais correspondiam àquilo que era esperado da Igreja. As reflexões do

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado originalmente em Espanhol na Revista *El Olivo* XXXVIII,79-80 (2014), pp 111-138. Eu agradeço meu confrade Joel por ter feito a tradução para o português.

<sup>2</sup> . *O Povo judeu e suas Santas Escrituras na Bíblia cristã*, n. 65.

Concílio encorajaram a remoção da crosta que impedia a visibilidade da Igreja no mundo. Uma vez que esta determinação foi tomada, criaram-se princípios básicos para o desenvolvimento de um discurso apropriado para os tempos modernos<sup>3</sup>. Por outro lado, foi-se desenvolvendo a relação entre a Igreja e a realidade de nosso tempo, dos valores que vivemos. Isto levou à criação de um diálogo com o mundo a partir de uma perspectiva antropológica, social, religiosa, etc... Poderia dizer-se que, sem este *aggiornamento*, a Igreja teria perdido completamente seu lugar na realidade contemporânea.

Este *aggiornamento* do Concílio indica uma renovação, estabelecendo princípios e normas ajustadas à reflexão. No entanto, a sua aplicação não é produzida de maneira automática. O processo de mudança de atitude e assimilação do novo leva seu tempo; deve-se levar em conta que o período Jubilar de 50 anos é um espaço de tempo para a implementação das decisões do Concílio, que é, em termos históricos, um curto espaço de tempo e efetivamente, o processo ainda está em andamento. De fato, em alguns aspectos, só agora é possível perceber mais a fundo algumas decisões do Vaticano II. Mesmo assim, deveria ser feito um grande trabalho de história para analisar o contexto no qual este processo de *aggiornamento* foi desenhado e estabelecer qual é o seu alcance. O Concílio produziu vários documentos<sup>4</sup>, cada um respondendo a diferentes setores da atividade da Igreja. Entretanto, este não é o objetivo do presente estudo, o que buscamos aqui é esboçar, de forma limitada, os passos dados e a evolução alcançada pela Igreja conciliar, fazendo uma reflexão sobre o fundamento das normas e ensinamentos estabelecidos em relação ao povo judeu e o judaísmo no decorrer destes 50 anos. Nos ocuparemos exclusiva e especificamente do parágrafo número 4 da Declaração Nostra Aetate, o

---

<sup>3</sup> . A maior preocupação do Concílio Ecumênico é que o sagrado depósito da doutrina cristã seja custodiado e ensinado de forma mais eficaz... A Igreja nunca deve apartar-se do tesouro sagrado da verdade... Mas, ao mesmo tempo, ela deve sempre olhar para o presente, às novas condições e novas formas de vida introduzidas no mundo moderno (Discurso de Abertura do Papa João XXIII ao Concílio Vaticano II, 11 de outubro de 1962).

<sup>4</sup> . O Concílio Vaticano II produziu 16 documentos: quatro constituições, nove decretos e três declarações.

qual trata sobre a relação entre a Igreja e o povo judeu, analisando seu desenvolvimento e as consequências de seu ensino.

O número 4 da Declaração tem uma grande diferença em relação ao conjunto de todos os demais documentos apresentados pelo Concílio Vaticano II. O seu processo de elaboração foi problemático e doloroso. O texto é curto e sua elaboração sofreu muitas correções, passando por grandes dificuldades para alcançar sua redação final. O processo foi adiante graças a algumas pessoas, mas principalmente pelo mérito do Papa João XXIII e seu assistente Cardeal Bea. Depois de grandes discussões e de superar as objeções para aceitar a ideia base da Declaração por parte dos padres conciliares, já que eles não sabiam onde situar o tema do povo judeu e o judaísmo no contexto da Igreja, finalmente, foi colocado no número 4 da Declaração Nostra Aetate, que é uma Declaração dedicada às religiões não-cristãs<sup>5</sup>. Ao conhecer o processo que foi necessário para elaborar a redação da Declaração Nostra Aetate, podemos entender nitidamente o distanciamento que produzimos entre o início do cristianismo e o momento do Concílio em nossa relação ao povo judeu.

Hoje em dia, à luz do espírito do Concílio Vaticano II, especialmente a partir do número 4 de Nostra Aetate, a Igreja ensina que o cristianismo nasceu num contexto judaico, pois seu início é judaico. Jesus é judeu, Maria é judia, os apóstolos são judeus<sup>6</sup>. Inclusive poderíamos dizer que a novidade messiânica proclamada em Jesus só é possível num contexto judaico, visto que só os judeus esperavam um Messias e são justamente os judeus que proclamaram a vinda do Messias e isto se

---

<sup>5</sup>. Para um resumo completo da elaboração do documento e suas diferentes fases e dificuldades apresentadas, confira: John M. Oesterreicher, *The New Encounter Between Christians and Jews*, Philosophical Library, 1986; ; Arthur Gilbert, *The Vatican Council and the Jews*, Cleveland et New York, The World Publishing Company, 1968; assim como o livro de Humberto Puerto, *Os Protocolos do Concilio Vaticano II sobre os Judeus*, Editora Germape, 2005.

<sup>6</sup>. “Jesus, como seus apóstolos e muitos dos primeiros discípulos, nasceu do povo judeu... Por outra parte, Jesus emprega métodos similares aos ensinamentos dos rabinos de seu tempo” (Orientações e sugestões para a aplicação da Declaração Conciliar “Nostra Aetate”, nº 4, 1974).

faz dentro de uma visão de realização messiânica judaica. Foi assim que todo o trabalho do Concílio, desde o ponto de vista da reflexão sobre a origem e a identidade da Igreja, consistiu em redescobrir sua relação com o povo judeu e com o judaísmo<sup>7</sup>.

Celebramos desta forma o período de 50 anos desde a elaboração e publicação da Declaração “Nostra Aetate” (Outubro de 1965). Praticamente é o documento oficial da Igreja que possibilitou ao mundo católico refletir sobre suas relações com o povo judeu e com o judaísmo, com sua história e sua identidade. Nostra Aetate inaugurou uma nova forma de pensar da Igreja em relação ao judaísmo, exortando os católicos a ter uma nova atitude cristã diante do povo judeu e do judaísmo.

Evidentemente, o Concílio expressou algo que já se estava preparando. Sabemos que o processo de abertura ao reconhecimento começou nos anos anteriores. Primeiramente com a conferência de Seelisberg, na Suíça, do dia 30 de julho à 5 de agosto de 1947, à qual assistiram 70 participantes, na maioria protestantes e judeus, embora havia também 9 representantes católicos. No final desta conferência, foi elaborado um documento que se compõe de 10 pontos principais que serviram de base para a posterior discussão entre a Igreja e o povo judeu, sendo a Conferência muito importante na gestação do item número 4 de Nostra Aetate.

Um segundo fator que contribuiu fortemente para a sensibilização da Igreja no seu enfoque com o povo judeu foi o contato estabelecido entre o historiador judeu

---

<sup>7</sup>. Quero assinalar que ao empregar do termo ‘judaísmo’ aqui não faço nenhum juízo religioso sobre o povo judeu e não o estou categorizando em uma definição religiosa. O povo judeu não se define como religião e o judaísmo não é uma afirmação de caráter religioso como o é para o cristianismo. Com efeito, foi o mundo cristão que associou o judaísmo ao cristianismo, dando-lhe uma conotação especificamente religiosa. Trata-se de uma visão cristã de ver o povo judeu de forma coletiva como o judaísmo e, portanto, define-o numa esfera puramente religiosa. O povo judeu é o povo judeu, independentemente de sua fé, da estrutura e da disciplina religiosa. Vários fatores se combinam na composição do povo judeu e a expressão da fé é um dos elos e não necessariamente o mais importante. Pois ser um judeu é pertencer a um povo, uma história, uma tradição, um passado, uma esperança, um sofrimento, ser excluído dos outros povos; o judeu pode se identificar com um destes elementos ou todos eles simultaneamente. A Bíblia é o livro comum a todos os judeus, inclusive àqueles que não vêem o aspecto da revelação de Deus.

francês, sobrevivente da Shoah, Jules Isaac<sup>8</sup> (1877-1963) e o Papa João XXIII. Foi Jules Isaac quem apresentou ao Papa o aspecto negativo da relação da Igreja com o povo judeu, precisamente com uma expressão que ele mesmo cunhou: “o ensinamento do desprezo”<sup>9</sup>, por parte da Igreja, em referencia às raízes cristãs do antissemitismo presente na história da Igreja e que foi um terreno muito fértil para a Shoah. Num de seus encontros, Jules Isaac perguntou ao Papa se ele poderia ter alguma esperança sobre as mudanças que a Igreja poderia levar a termo em relação ao povo judeu e o Papa contestou: “Mais do que esperança, você tem o direito”.

Estes dois pontos: o encontro de Seelisberg e a relação pessoal e o diálogo entre o Papa João XXIII e Jules Isaac, contribuíram de maneira importante na preparação do terreno para a reflexão no Concílio sobre o povo judeu.

Neste ponto, temos que mencionar que o Concílio Vaticano II foi o segundo Concílio que debateu de maneira teológica a questão judaica. O primeiro foi o Concílio de Jerusalém com a presença dos Apóstolos – como podemos observar nos Atos dos Apóstolos Cap.15 – de onde se fez a verdadeira pergunta sobre a continuidade dos valores judaicos para os gentios que descobriam a fé e seguiam a Jesus Cristo como o Messias anunciado pelos Apóstolos. E a única exigência para os gentios foi não seguir o comportamento dos idólatras: “Por isso julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus. Mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da fornicação, do que é sufocado e do sangue... (Atos 15, 19-20). Depois outros Concílios discutiram também sobre os judeus, mas de maneira disciplinar, moral, canônica...

Uma análise da Declaração Nostra Aetate, no número 4, percebemos por um lado a distância estabelecida da Igreja com seu início, em sua relação natural com o

---

<sup>8</sup>. O diário da sua visita ao Papa João XXXII e seus comentários estão na revista *SENS*, Jules Isaac, 7/8, 1977.

<sup>9</sup>. [Isaac Jules](#), *Las raíces cristianas del antisemitismo. La enseñanza del desprecio*, Editorial Paidós - Buenos Aires, 1975.

povo judeu, já que os elementos judaicos básicos que compõem a tradição da Igreja não foram identificados durante as discussões do Concílio por uma grande maioria dos padres conciliares. O ensinamento e a teologia na Igreja não, em grande parte na história, contemplaram a afirmação fundamental **de nossa identidade cristã**, a qual depende da realidade judaica: “Não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriasses, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti.” (Romanos 11:18).

Por outro lado, vemos que o Concílio não realiza uma afirmação nova, não criou uma nova teologia, mas sim proporcionou elementos para “repensar” nossa Teologia. A Declaração insiste que a Igreja se “recorda” e que “não pode esquecer” quando fala sobre o judaísmo e sobre o povo judeu. Ela não está criando algo novo, apenas tratando de recuperar-se de uma enfermidade interna, que é o esquecimento de suas raízes, de seus elementos essenciais. Todo o esforço se encaminha a recuperar o já vivido pela Igreja, mas que tínhamos deixado de lado, que renegamos com o resultado de um ensinamento equivocado, o qual provocou a distância de seus elementos fundadores e que são os que a sustentam. Por não transmitir em nossa formação as raízes de nossa fé, chegamos a uma ignorância de nossa própria identidade e de nosso mistério.

Diz o documento:

1 – Ao investigar o mistério da Igreja, este Sagrado Concílio **recorda** os vínculos com o qual o Povo do Novo Testamento está espiritualmente unido com a raça de Abraão... Pela qual, a Igreja não pode **esquecer** que recebeu a Revelação do Antigo Testamento por intermédio daquele povo... No mais, **recorda** a Igreja que os Apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do povo judeu, assim como muitos dos primeiros discípulos que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo... nem pode **esquecer** que se nutre da raiz da boa oliveira na qual foram enxertados os ramos da oliveira silvestre que são os gentios. (Nostra Aetate, nº4).

Como podemos ver, o texto não está com isto elaborando um ensinamento

que não existia previamente na história da Igreja, mas sim indica, ou recorda que quando a Igreja investiga seu próprio mistério, ela encontra consigo mesma e com o povo judeu ao mesmo tempo. Do mesmo modo, seu mistério não é entendido sem o povo judeu. Isto é, o judaísmo e o povo judeu são para a Igreja um dado interno – não externo – “é a nutrição de onde a oliveira silvestre é alimentada”. Do ponto de vista cristão, temos uma relação ontológica com o povo judeu – uma relação intrínseca, de dependência; como disse o Apóstolo Paulo: “somos parte dos ramos”. João Paulo II disse: “*vinculados ao nível mesmo de sua própria identidade*”<sup>10</sup>. Neste ponto está a grande contribuição do Concílio para nosso tempo e para a Igreja de hoje: redescobrir uma realidade que era essencial na Igreja e que ficou perdida na história, abandonada, esquecida. É, antes de tudo, uma questão de recuperar nossa identidade como Igreja e como elemento essencial de nossa fé.

Evidentemente que o esquecido não o foi por casualidade, foi fruto da elaboração de um pensamento e de práticas durante muitos séculos; sobretudo a partir de uma teologia e de um ensinamento que levaram a um desvio de sua própria vocação e de sua identidade, praticando com relação ao povo judeu o “ensinamento do desprezo”, como afirmou Jules Isaac. Partindo desta tomada de consciência, temos dois centros de ação, dois desafios: um dirigido ao interior (*ad intra*) e outro direcionado ao exterior (*ad extra*):

-*ad intra*, consiste em criar condições para o desenvolvimento desta nova consciência na Igreja, mudança de mentalidade de todos os cristãos. Também supõe buscar uma resposta prática e existencial a perguntas distintas: Como o cristão católico deve conceber sua fé com relação à existência do povo judeu e com as promessas de Deus a este povo até nossos dias? Como entender esta verdade de fé? Este é um grande desafio apresentado pelo Concílio e fundamentado no número 4 da Declaração Nostra Aetate.

-*ad extra*, significa o encontro com o povo judeu. Não somente com o povo

---

<sup>10</sup> . João Paulo II, discurso de 6 de março de 1982.

judeu da Bíblia, do passado (como se fosse um conhecimento arqueológico), um povo que existiu até a destruição do Segundo Templo, já que todos ou quase todos reconhecemos o povo judeu “histórico”; mas é necessário encontrar o judaísmo de sempre. Como disse Paulo: “a raiz que nos sustém”. Por isto, o grande desafio do ensinamento da Igreja depois do Concílio é o reconhecimento do povo de Deus que nos sustenta até hoje, que vive conosco hoje, na sua realidade histórica atual. É conhecer e reconhecer o povo judeu tal como ele mesmo se define hoje em dia e como ele define sua história, e sobretudo encontrar-se com o povo que regressou à sua terra, a terra de Israel. Assim, a Igreja, através de Nostra Aetate, propõe um processo inverso na busca de reestabelecer uma relação que fora quebrada e voltar a criar o ensinamento do apreço<sup>11</sup>:

*“Como é, por conseguinte, tão grande o patrimônio espiritual comum a cristãos e judeus, este Sagrado Concílio quer fomentar e recomendar o mútuo conhecimento e apreço entre eles, que se consegue sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com o diálogo fraterno”* (Nostra Aetate 4).

Portanto, o papel do Concílio é estabelecer normas e princípios gerais. Estes princípios básicos que devem ser traduzidos, interpretados e explicados em uma linguagem pastoral, devem ser ajustados à realidade de cada país, de cada cultura e idioma. Na verdade, Nostra Aetate, como outros documentos, foi o começo de um trajeto que se propõe continuar e que não é o final do caminho. As declarações, ensinamentos e documentos sucessivos mostraram o progresso da elaboração do Concílio.

Para permitir uma compreensão concreta dos enunciados e ensinamentos do Concílio, em 1973, a Conferência Episcopal da França redigiu um compêndio de normas práticas<sup>12</sup>. Este documento se baseia no item número 4 de Nostra Aetate e

---

<sup>11</sup> .Ver o artigo de Olivier Rota, “Jules Isaac, Paul Démann, Charles de Provençères. Le redressement de l’enseignement catéchétique concernant Israël dans les années cinquante”, *Sens*, décembre 2008, p. 673-682.

<sup>12</sup> . A atitude dos cristãos com relação ao judaísmo: Orientações pastorais da Comissão Episcopal para as Relações com o Judaísmo, Conferência Episcopal Francesa, 16 de abril de 1973.



seu objetivo era explicar em linguagem pastoral o documento Nostra Aetate e estabelecer diretrizes para sua aplicação na vida da Igreja na França. Por outro lado, a linguagem utilizada não foi tão universal como a dos documentos do Concílio, de onde se deu conta de vários limites do reconhecimento por parte da Igreja diante do povo judeu. Devido à dificuldade de chegar a um consenso em várias formulações, a Declaração Nostra Aetate apresentou o conteúdo mínimo necessário e muitos ensinamentos se mantiveram implícitos sem, contudo, serem expostos explicitamente.

A Conferência dos Bispos da França não teria a mesma dimensão universal que o Concílio e, portanto, não se enfrentou as mesmas dificuldades para buscar o consenso entre seus participantes. Em consequência, o documento se posicionou claramente acerca do esquecimento por parte da Igreja com relação ao povo judeu e, ao mesmo tempo, insistiu de forma clara e prática na aplicação da mudança de mentalidade por parte dos cristãos. O documento é extenso e o que apresentamos aqui são somente três afirmações<sup>13</sup> para ter uma ideia de sua dimensão real e, ao mesmo tempo, ter consciência de que este documento dá passos catequéticos e pastorais importantes sobre as decisões de Nostra Aetate:

1 – *“A Declaração Nostra Aetate evoca agora a um novo olhar dos cristãos sobre os judeus, não somente em ordem de relações humanas, mas também na questão da fé”* (nº2).

É interessante ver esta formulação em duas partes: A primeira é a interpretação do espírito de ensino da Nostra Aetate: ter “um novo olhar dos cristãos para com os judeus”. Na verdade, isto já se afirma implicitamente na Declaração Nostra Aetate, mas é necessário explicá-lo; em outras palavras, os Bispos da França estão chamando a atenção dos cristãos católicos, de que é necessário levar as instruções do Concílio na prática, no ser cristão, não como algo que só deve permanecer como uma informação recebida, nem sequer como uma compreensão

---

<sup>13</sup> . Os números que estão enumerados no final de cada frase são os números do documento original.

intelectual. É necessário mudar o enfoque que deve passar a ser positivo em relação ao povo judeu. E a segunda parte desta frase põe diante de nós o desafio de ser cristão: a relação com o judaísmo é “questão” de fé. Em outras palavras, a fé cristã, sem assumir positivamente a relação com o judaísmo, é uma fé debilitada na sua essência.

2 – *“A afirmação fundamental da fé judaica, o Shemá Israel começa por: ‘Amarás o Senhor teu Deus’ e continua com o mandamento do amor ao próximo (Lv 19,18). Este é o ponto de partida da pregação de Jesus e, por isto, um ensinamento comum entre o judaísmo e o cristianismo (nº4).*

O propósito do documento é apresentar trechos específicos que expliquem as orientações de Nostra Aetate. Esta afirmação dos Bispos franceses guarda na prática da unidade da Palavra de Deus e apresenta Jesus e seus ensinamentos em uma linha de continuação natural com a única Palavra de Deus revelada. Daí se deduz que o cristianismo e o judaísmo são parte do mesmo plano de Deus e ainda conservando suas particularidades, ambos tem um patrimônio comum. O documento insiste dizendo que o ensinamento de Jesus é parte do mundo judaico. Seu universo religioso sucede neste contexto e por isto, para conhecê-lo e poder entender seus ensinamentos, é necessário o conhecimento assíduo deste contexto.

3 – *“Consideramos como uma tarefa essencial e urgente que os sacerdotes, os fiéis e todos os responsáveis da educação em qualquer nível que seja, trabalhem para inspirar o povo cristão na compreensão do judaísmo, de suas tradições, de seus costumes e de sua história” (nº 6).*

O ensinamento da Igreja está dirigido a todos os católicos, não há exceção, como afirmou mais tarde João Paulo II<sup>14</sup>. Mas há algumas instâncias na Igreja que

---

<sup>14</sup> . “Quero confirmar, com absoluta convicção, que o ensinamento do Concílio Vaticano II na Declaração Nostra Aetate..., permanece sempre para nós, para a Igreja Católica, para o Episcopado..., e para o Papa, um ensinamento que deve ser seguido. Um ensinamento que é necessário aceitar, não somente como algo conveniente, mas muito mais, como uma expressão de fé, uma inspiração do Espírito Santo, uma palavra de Sabedoria divina” (Discurso do Papa João Paulo II aos dirigentes do Comitê Judeu Americano, 15 de fevereiro de 1985).

devem ser um ponto de referência para esta renovação. Não há mudança e transformação sem passar por uma nova base de educação e de formação. Os formadores de consciência na Igreja, os responsáveis, devem ser os primeiros, em desenvolver a sensibilidade e o entendimento em relação com o povo judeu, com o judaísmo e suas tradições e, portanto, criar as condições para que todos os cristãos possam assumir esta nova atitude diante do povo judeu, proclamada pela Igreja e desejada pelo Concílio. De fato, os bispos da França tomaram, pela primeira vez, a iniciativa, entre as diferentes conferências episcopais, de traduzir em termos práticos e pastorais para a Igreja da França os enunciados gerais do Capítulo 4 de Nostra Aetate. Devemos destacar que a Igreja da França estava melhor preparada e sensibilizada à questão judaica no momento do Concílio. A iniciativa de preparação do citado documento confirma esta afirmação.

Sabidamente, a Igreja assumirá de modo universal o texto dos bispos franceses e formulará um novo comentário. Este documento da Igreja se apresenta em forma de continuação dando maiores detalhes das instruções da Nostra Aetate para todos<sup>15</sup>. O nome do documento: *Orientações e sugestões para a aplicação da declaração conciliar "Nostra Aetate" nº4*, já indica seu propósito. Apenas nove anos havia passado desde Nostra Aetate, de 1965 à 1974, de onde foi necessário superar muitas dificuldades para elaborar um texto limitado com somente alguns poucos princípios básicos, e agora temos, por parte da Igreja, um documento que explica a declaração sem nenhuma reserva e, por outra parte, a Igreja introduz uma nova e transparente catequese sobre o povo judeu, já que não foi possível enunciá-la inteiramente no Concílio.

Um princípio fundamental da Nostra Aetate é a pertença de Jesus ao povo judeu, um dado evidente, mas que não era ensinado deste modo. Em alguns aspectos, a teologia da Igreja tratou de negligenciar a 'judaicidade' de Jesus. Como se isto não fosse uma questão importante ou como se não fosse parte do plano de

---

<sup>15</sup> . *Orientações e sugestões para a aplicação da declaração conciliar "Nostra Aetate" nº 4, 1974.*

salvação realizado por Jesus. Por outro lado, o documento amplia a visão específica de Jesus na participação concreta da vida judaica de seu tempo. Jesus não é um estranho na comunidade, ele pertence à sua gente, à sua cultura.

Deste modo, para entender seus ensinamentos, seu lugar na história e na história da salvação, temos que passar pelo povo judeu de ontem e de sempre. Este é um novo aspecto: reconhecer o povo judeu na visão de Paulo, *‘o povo da aliança, das promessas, o povo eterno de Deus’*. Esta afirmação teológica é elemento de fé, que não é nova, mas que havia se perdido na história e foi separada de nossa teologia. Reconheceu-se sempre o judaísmo bíblico, como a existência do povo judeu até à vinda de Jesus e a destruição do segundo Templo. No entanto, não se assumiu a continuidade do povo judaico na história, isto é, o judeu do passado e o judeu de hoje unidos numa única realidade. Estes dados são fundamentais para a teologia e a fé cristã, porque nós somos “alimentados pelo tronco que é o povo judeu”, e não temos deixado que isto faça parte na nossa consciência de fé, nem sequer fazer parte de nossa cultura de fé. Este documento de orientação retoma este ensinamento fundamental da Igreja:

“Jesus, como seus apóstolos e grande parte de seus primeiros discípulos, nasceu do povo judeu... No mais, Jesus aplica métodos de ensinamentos similares aos dos rabinos de seu tempo... A história do judaísmo não termina com a destruição de Jerusalém, mas seguiu adiante desenvolvendo uma tradição religiosa, cujo alcance, vem assumindo, a nosso parecer, um significado profundamente diferente depois de Cristo, permanecendo, contudo, rico em valores religiosos” (§3)

A partir da perspectiva de hoje, poderia se esperar muito mais deste texto, sobretudo em alguns aspectos, mas estamos na primeira fase do processo. Usando a terminologia empregada pelo Concílio, estamos apenas saindo de uma perda de memória histórica de nossa relação natural com o povo judeu. Assim, trata-se de voltar novamente a apresentar um tema que havia sido abandonado e deixado pra trás por parte dos cristãos, apesar de ser essencial para a fé cristã e, em somente

nove anos de prosseguimento, foi já feito um grande salto na interpretação que recupera os novos horizontes para a essência mesma da fé cristã. Portanto, o documento da Igreja que volta a explicar o parágrafo 4 da Declaração Nostra Aetate, é sinal de que este tema não pode permanecer somente como um documento; Nostra Aetate refletiu sobre a essência da Igreja, em seu mistério. Por isso, não é suficiente a consciência teórica, como em parte acontece com os documentos elaborados, mas deve traduzir-se em um comportamento; a relação dos cristãos com o povo judeu deve ser experimentada e incorporada no ser cristão.

A Igreja não cansa de insistir neste aspecto e, possivelmente, este é o tema em que mais se tem trabalhado e tem-se feito mais esforços depois do Concílio. Os papas que sucederam o Concílio, desde o Papa Paulo VI até o atual Papa Francisco foram unânimes nesta linha: mostrar a necessidade do cristão em buscar cada vez mais e reconhecer esta relação interior com o judaísmo como um elemento fundamental da fé cristã.

O Papa João Paulo II, em sua visita à Alemanha em 1980, insiste neste aspecto da relação interna com o judaísmo, e nesta ocasião ele utiliza uma frase que é muito profunda a partir do ponto de vista teológico para a fé cristã. Na verdade, é mais que uma frase, é uma pergunta pertinente à todos os cristãos quando proclamam sua fé em Jesus Cristo.

“Se os cristãos consideram todos os homens como irmãos e devem comportar-se segundo esta afirmação, quando mais vale este sagrado dever quando se encontram com quem pertence ao povo judeu. Na ‘Declaração sobre as Relações da Igreja com o Judaísmo’, os bispos da República Federativa da Alemanha colocaram como tópico principal esta frase: ‘Quem se encontra com Jesus Cristo, se encontra com o judaísmo’<sup>16</sup>. Queria fazer minha também esta expressão. A fé da

---

<sup>16</sup>. Mais tarde, em 2005, em sua visita a Alemanha, o Papa Bento XVI voltará sobre esta mesma proclamação dos Bispos alemães utilizada pelo Papa João Paulo II. Com isto, estamos criando um princípio de tradição que se converte em parte do pensamento da Igreja: “Tendo em conta a raiz hebraica do cristianismo (Rm 11,16-24), meu venerado predecessor, confirmando um juízo dos bispos alemães, disse: ‘quem se encontra com Jesus Cristo, se encontra com o

Igreja em Jesus Cristo, filho de Davi e filho de Abraão (Cf. Mt 1,1) contém de fato o que os bispos chamam nesta Declaração de herança espiritual de Israel para a Igreja, uma herança viva que deve ser comprometida e conservada por nós, cristãos católicos, em toda sua profundidade e riqueza<sup>17</sup>”.

O que parecia ser somente mais um parágrafo dedicado às outras religiões na Declaração Nostra Aetate, este número 4 teve um desenvolvimento extraordinário. As afirmações teológicas tímidas se converteram em um ensinamento básico e fundamental para a vida da fé cristã. Na celebração dos 20 anos de Nostra Aetate em 1985, a Igreja redigiu outro documento mais elaborado e com pontos teológicos mais audaciosos. Sente-se a evolução, enquanto que o espírito da Declaração Nostra Aetate se manteve intacto. O documento é um imperativo prático e pastoral, começando por seu próprio título: *“Notas para uma correta apresentação dos judeus e o judaísmo na pregação e na catequese da Igreja Católica”*. (Maio, 1985).

Temos duas maneiras de ver a insistência da Igreja na elaboração destes documentos: uma mostra da lentidão que se percebe na adoção dos ensinamentos na Igreja, no qual faz-se necessária a insistência, uma vez que a mudança de mentalidade requer determinação para ser assimilada. Por outro lado, esses documentos não são somente uma repetição da declaração conciliar. Há uma evolução significativa em cada novo documento que aparece. O espírito do Concílio se revela na medida em que existe a busca e a aplicação de seus ensinamentos.

O título dos números 2 e 3 do presente documento sugere a importância de seu conteúdo sem pretender esgotar a mensagem, abordando uma apresentação correta através dos meios de formação da Igreja: a pregação e a catequese. O povo judeu e o judaísmo devem ser apresentados a todos os cristãos de maneira correta e não podem ser ignorados nunca mais. Assim, a Igreja está introduzindo um princípio fundamental já formulado antes, mas agora é a forma mais nítida: é necessário

---

Judaísmo” (Discurso do Papa Bento XVI ao visitar a Sinagoga de Colonia, 2005).

<sup>17</sup>. Discurso do Santo Padre na comunidade judaica alemã, Maguncia, 17 de novembro de 1980.

estudar para conhecer o povo judeu e o judaísmo. Trata-se de um elemento novo no programa de formação da fé cristã: o conhecimento do povo judeu e do judaísmo desde o passado até hoje deve ser, não um conhecimento marginal, mas integrado na formação cristã:

“Em razão destas relações únicas, existentes entre o Cristianismo e o Judaísmo, ‘vinculados no mesmo nível de sua própria identidade’ (João Paulo II, discurso do 6 de março de 1982), relações fundadas no desígnio do Deus da Aliança, os judeus e o judaísmo não deveriam ocupar um lugar tão somente marginal e ocasional na catequese e na pregação. Sua presença indispensável deve ser nela integrada de maneira orgânica” (nº2).

“Este interesse pelo judaísmo no seu ensinamento católico não tem somente um fundamento histórico ou arqueológico. Assim o afirmava o Santo Padre, no discurso várias vezes citado, depois de mencionar o ‘patrimônio comum’ entre Igreja e Judaísmo, que é ‘considerável’: ‘Fazer o inventário deste patrimônio em si mesmo, mas também tendo em conta a fé e a vida religiosa do povo judeu, tal como é a prática hoje, pode ajudar a entender melhor determinados aspectos da vida da Igreja’. Trata-se, por conseguinte, de uma preocupação pastoral por uma realidade sempre viva, em estreita relação com a Igreja. O Santo Padre apresentou esta realidade permanente do povo judeu com uma notável fórmula teológica em sua alocução aos representantes da comunidade judaica da Alemanha Federal, em Maguncia, em 17 de novembro de 1980: “... o povo de Deus da Antiga Aliança, nunca revogada...” (nº3).

Esses dois documentos da Igreja foram redigidos como se tratasse de manuais de aplicação: o de 1974 e de 1985 salientam o ensinamento do número 4 de Nostra Aetate. As ideias fundadoras da Declaração sobre o povo judeu e o judaísmo, que não puderam aparecer a causa da resistência encontrada na assembleia do Concílio, foram transmitidas nesses dois documentos de maneira livre, acrescentando a eles uma nova interpretação que surgiu como resultado de sua aplicação pastoral.

Devemos mencionar que o Papa João II foi um lutador incansável pela aplicação dos ensinamentos do número 4 da Declaração Nostra Aetate na vida de fé dos cristãos. Seus pronunciamentos são numerosos e se dão em diferentes lugares e circunstâncias. De fato, o Papa construiu uma teologia completa do povo judeu e do judaísmo à luz dos ensinamentos do Concílio Vaticano II.

Podemos ver um exemplo entre outros muitos, onde o Papa elabora seu discurso sobre a base de uma teologia profunda que impõe um olhar diferente da fé. Uma vez mais, o povo judeu e o judaísmo não são dados periféricos à fé cristã, pelo contrário, fazem parte da essência, considerando a falta de consciência do valor dos judeus e o do judaísmo na visão da fé cristã como um desvio:

*“Na origem deste pequeno povo situado entre os grandes impérios da religião pagã que não eclipsaram com o resplendor de sua cultura, está o fato da eleição divina. Este povo é convocado e conduzido por Deus, Criador do céu e da terra. Sua existência não é, pois, um mero acaso da natureza nem da cultura, no sentido de que pela cultura o homem implanta os recursos de sua própria natureza. É um fato sobrenatural. Este povo persevera apesar de tudo, porque é o povo da Aliança e, porque, apesar das infidelidades dos homens, o Senhor é fiel à sua Aliança. Ignorar este dado primordial é seguir a trajetória de um marcionismo contra o qual a Igreja reagiu prontamente com energia, consciente de seu vínculo vital com o Antigo Testamento, sem o qual, o mesmo Novo Testamento ficaria sem significado... Por isso, aqueles que consideram como meros fatos culturais contingentes que Jesus fora judeu e que seu ambiente fora o mundo judaico – fatos que a seu juízo poderiam ser substituídos por outra tradição religiosa sem que a pessoa do Senhor perca sua identidade – não somente desconhecem o significado da história da salvação, como também, mais radicalmente, atacam a verdade mesma da Encarnação, tornando impossível um conceito autêntico de inculturação<sup>18</sup>”.*

---

<sup>18</sup> . Discurso de João Paulo II pronunciado ante os participantes do simpósio sobre “as raízes do antijudaísmo nos



De fato, neste pronunciamento, o Papa faz um resumo importante da visão da Igreja sobre a relação com o povo judeu e com o judaísmo. Ele se manifesta claramente sobre a unidade da Escritura já que não há separação. Pelo contrário, o Papa afirma que justamente sem a Escritura do povo judeu, o Novo Testamento é vazio de sentido: a Palavra de Deus é una. Com relação a Jesus, o papa o centraliza em seu contexto judaico histórico e teológico, razão *sine quo non*, segundo o Papa, para compreender o ponto central da fé cristã que é a encarnação<sup>19</sup>.

Em 2001, a Comissão da Relação Católico-Judaica preparou um documento que põe em relevo a necessidade de renovação na formação clássica da Igreja. Entre outras coisas, o documento ensina que é necessário introduzir nos ensinamentos atuais da Igreja todos os novos elementos, os avanços e descobrimentos no campo da teologia, isto é, a formação da fé não pode ignorar os avanços dados pela própria Igreja. Falar da Bíblia, da liturgia, da patrística, etc., supõe ter presente os passos dados sobre a nova compreensão do contexto do nascimento do cristianismo no judaísmo, assim como as influências que existiram no contexto dos Padres da Igreja e depois na história cristã.

É também motivo de preocupação do documento a contínua formação de quem se ocupa na relação judaico-cristã. O conhecimento é dinâmico e o mundo moderno impõe grandes desafios. A Igreja, por sua vez, não pode deter-se no tempo e querer falar a linguagem do homem contemporâneo. Uma das razões para a proclamação do Concílio foi fazer o *aggiornamento* que deve ser sempre uma constante. Estudos recentes contribuíram numa evolução importante na compreensão do povo judeu e do judaísmo na história. Há uma nova valorização dos Padres da Igreja e sua relação com os Sábios de Israel. Encontram-se cada vez mais

---

ambientes cristãos”, (Roma 31 de outubro à 2 de novembro de 1997).

<sup>19</sup> .Sempre fiel ao seu ensinamento sobre a importância do judaísmo, em outra ocasião, o Papa João Paulo II ensina que “privar Cristo de sua relação com o Antigo Testamento é como cortá-lo de suas raízes e esvaziar o seu mistério de todo o sentido... a encarnação teve necessidade de se enraizar em séculos de preparação. Do contrário, Cristo teria sido como um meteorito caído acidentalmente na terra...” (Jean Paul II, *Rapports entre Nouveau et Ancien Testaments, entre Chrétiens et Juifs* in *SENS* 5, 1997, n° 3, p. 232).

influências recíprocas. Em muitos casos, em diferentes tempos e lugares, os Padres conviveram com a sabedoria dos Mestres de Israel e, neste encontro, construíram sua teologia e a compreensão das Escrituras<sup>20</sup>.

Hoje vemos que nos sete primeiros séculos da era cristã os judeus e os cristãos viveram juntos nos mesmos povoados e aldeias, muitas vezes no mesmo bloco, uma casa frente à outra, uma construção da sinagoga ao lado da construção da Igreja<sup>21</sup>. Estes dados mostram que a vida normal ocorria numa relação estreita e todos os setores sociais eram compartilhados, pois o universo religioso não era como barreiras incomunicáveis, mas o que havia em comum era partilhado e sabiam, eram conscientes do que era divergente um do outro cada um deles. Em geral, pode-se dizer que as diferenças não eram causas de conflitos mas, ao contrário, eram parte da riqueza do panorama social e religioso.

E o fato de se encontrar oposição aparente em certos ensinamentos dos Padres da Igreja fazia o povo judeu e o judaísmo, e igualmente na literatura rabínica, de oposição ao cristianismo, é um sinal de que na prática ocorria o contrário, pois encontra-se aí a necessidade de argumentar contra, criando assim a apologia. As comunidades (judaicas e cristãs) conviviam no mesmo espaço, elas se encontravam, se conheciam e trocavam informações e inclusive aprendiam uns com os outros. O

---

<sup>20</sup> . O Documento da Pontifícia Comissão Bíblica já apresenta esta necessidade: “Desde sempre, os melhores exegetas cristãos, a partir de Orígenes e São Jerônimo, tem procurado tirar proveito da erudição bíblica judaica, para uma melhor compreensão da Escritura. Numerosos exegetas modernos seguem este exemplo.” *La interpretación de la Biblia en la Iglesia*, Pontifícia Comisión Bíblica, PPC, 1994, 51-52. Neste mesmo espírito e em sintonia com a Declaração Nostra Aetate, o então cardinal Ratzinger fará uma importante declaração em uma reunião com estudantes de judaísmo no Instituto Ratisbonne, Israel, onde ele fomenta o estudo da literatura rabínica para os cristãos como parte necessária da formação: “A unidade dos dois Testamentos deve se manter contra qualquer intento de dissociação e finalmente de eliminação do Antigo Testamento. A exegese histórico-crítica é necessária, mas deve ser complementada por outras dimensões. A Palavra diz mais do que a Escritura quis dizer em seu tempo. Há um dinamismo da Palavra que os Padres da Igreja e os Sábios de Israel souberam explorar. Assim, o método rabínico não é somente relevante para alguns experts, mas ele pode como iluminar todos os cristãos” (Cardeal Ratzinger, 31 de janeiro de 1994, Ratisbonne, Israel)

<sup>21</sup> . No princípio, não estamos falando de um grupo cristão em relação ao judaísmo, mas de judeus que seguem Jesus como Messias esperado, é somente mais tarde que este grupo se define como cristãos, no sentido que damos atualmente, o que chamamos cristãos de hoje. Da mesma forma a construção de templos para os cristãos, se deu durante o período do imperador Constantino, por isso estamos falando da metade do século IV.

ensinamento do Comitê Católico-Judaico propõe que tenhamos a percepção deste mundo real e completo que compõe nosso horizonte religioso de judeus e cristãos na história e que resultam na condição necessária para conhecermos a nós mesmos:

*“Os cursos de Bíblia, patrística, história da Igreja primitiva e a liturgia devem incorporar as últimas investigações acerca das origens cristãs. Esclarecer as circunstâncias completas que levaram ao surgimento da Igreja e do judaísmo rabínico a partir do judaísmo antigo, estabelecerá as imprescindíveis bases para superar ‘a penosa ignorância da história e as tradições do judaísmo, que só parecem formar parte do acervo de muitos cristãos em seus aspectos negativos e frequentemente caricaturados’. (Notas para uma correta apresentação dos judeus e o judaísmo na pregação e na catequese da Igreja Católica, 27, 1985). O pessoal docente deverá ter a oportunidade de prosseguir sua própria instrução sobre as relações judeu-cristãs, para que seus cursos reflitam a riqueza da investigação contemporânea<sup>22</sup>”.* O documento sublinha a diferença existente entre a apresentação da doutrina da Igreja e o desconhecimento que ainda prevalece entre os cristãos sobre o conhecimento de nossa própria história de fé, de suas raízes e dos elementos fundamentais que a compõem, esse é o resultado do qual sucede que o conhecimento que não é recebido, em consequência, não se transmite.

O último documento da Comissão Pontifícia Bíblica de 2001 é o ponto mais alto do desenvolvimento do parágrafo 4 da Declaração Nostra Aetate. Só o título do documento já é uma declaração importante, que merece ser estudado à parte: *“O povo judeu e suas Escrituras Sagradas na Bíblia Cristã”*. Primeiramente, temos a identificação do povo judeu como o protagonista da história, e deles procede a Sagrada Escritura que, por sua vez, está na Bíblia cristã. Este documento, dirigido aos cristãos, solidifica a base da compreensão das Escrituras do povo judeu e sua interpretação na história, como elementos essenciais do ser cristão, porque a fé cristã

---

<sup>22</sup>. Recomendação sobre a educação em faculdade de Teologia e seminários católicos e judaicos – Comitê Internacional de Relação Católico-Judaica 17ª Reunião, New York, 4 de maio de 2001.

se fundamenta nas Sagradas Escrituras, em sua revelação e sua interpretação. Jesus se encarnou de acordo com as Escrituras, viveu e morreu conforme as Escrituras<sup>23</sup>.

Essas Escrituras, afirma o documento da Igreja, são as Escrituras do povo judeu. Por isto, a Igreja é uma realidade de acordo com as Escrituras do povo judeu e sua interpretação. Nossa relação com o povo judeu é uma relação intrínseca, como afirma o número 4 de Nostra Aetate ao declarar que *“Ao investigar o mistério da Igreja, este Sagrado Concílio **recorda** os vínculos com o povo judeu”*. No mais, o documento reafirma a continuidade da aliança e as promessas feitas ao povo judeu *“porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis”*<sup>24</sup>. Portanto, para os cristãos, as Escrituras devem ser entendidas em encontro com o povo judeu e o judaísmo. Por outro lado, é necessário entender que a Palavra de Deus foi revelada e segue sendo, primeiramente para o povo judeu, ao qual mantém uma interpretação e uma prática conforme às Escrituras que são verdade para eles.

Na sequência, apresento algumas pequenas afirmações do documento que mostram sua sintonia com o espírito do número 4 de Nostra Aetate, enquanto que, em certos aspectos, o documento lança um desafio apresentado aos cristãos sobre a forma de viver sua fé. Entre os muitos aspectos importantes que nos ensina este documento está um chamado aos cristãos que devem repensar o lugar da Escritura em sua vida; exorta os cristãos a compreender o Novo Testamento como a Palavra de Deus integrada nas Escrituras do povo judeu; buscar, compreender em profundidade o significado da vinda de Jesus como o Messias e entender também a verdade, para o povo judeu, de suas esperanças messiânicas e, ao final, concluindo o documento, conclui-se que não é possível ser cristão em ruptura com a sinagoga:<sup>25</sup>

- "O cristianismo nasceu, portanto, dentro do judaísmo do primeiro século ... Uma manifestação sempre presente desse vínculo original é a aceitação pelos

---

<sup>23</sup>. Cf. Mt 4, 12-16; Mac, 1,1-3; Lc 24, 25-27. 44; ICor 15, 3-5.

<sup>24</sup>. Rm 11,29.

<sup>25</sup>. Os números que seguem cada frase correspondem ao número citado no documento.

crístãos das Sagradas Escrituras do povo judeu como Palavra de Deus dirigida também a eles (2).

- Por estas declarações, o Novo Testamento mostra indissociavelmente ligado às Escrituras judaicas (7).

- A expectativa messiânica judaica não é em vão. Pode tornar-se para nós crístãos um estímulo eficaz para manter viva a dimensão escatológica da nossa fé. Nós, como eles, estamos na espera... Ler o Antigo Testamento como crístãos não significa que, em cada canto, devemos buscar encontrar referências diretas a Jesus e realidades crístãs (21).

- Os israelitas continuam a ser "amados" por Deus que lhes mantém a promessa de um futuro melhor, "Porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis" (Rm 11:29). Esta é a doutrina positiva à qual os crístãos devem constantemente retornar (59).

- De fato, as Escrituras do povo judeu é uma parte essencial da Bíblia crístã e estão presentes em muitos aspectos na outra parte. Sem o Antigo Testamento, o Novo seria um livro ininteligível, uma planta privada de suas raízes e destinada a secar (84).

- O Novo Testamento reconhece a autoridade divina das Escrituras do povo judeu e se baseia em tal autoridade. Quando ele fala das "Escrituras" ou "o que está escrito", refere-se às Escrituras Sagradas do povo judeu ... No passado, a ruptura entre o povo judeu e a Igreja de Cristo podia, muitas vezes, parecer completa, especialmente em certos momentos e em certos lugares. À luz das Escrituras, é que nunca deveria ter acontecido. Pois uma ruptura completa entre a Igreja e a Sinagoga contradiz a Sagrada Escritura (85)<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup>. Esta última afirmação do documento está em sintonia com o que ensina Orígenes no século III sobre a relação entre a Igreja e a Sinagoga e donde Jesus se situa entre estas duas realidades que se completam: "Meu bem amado (dodi) é para mim como um ramalhete de mirra (צרוּר הַמּוֹר דּוּדֵי לֵי). Consideremos o que quer dizer aqui a expressão 'Dodi'. A Igreja fala desta maneira, somos nós, que fomos reunidos da gentilidade. Nosso salvador é o filho da irmã da gentilidade, para dizer, da sinagoga, porque as duas são irmãs, a Igreja e a sinagoga. Nosso Salvador, por outro lado, como temos dito, Ele é o esposo da Igreja, é como o filho da sinagoga-irmã, o 'Dodi' de sua esposa ("Orígenes, Hom.

Obviamente, estes são apenas alguns fatos para ilustrar a reflexão, uma vez que o documento é muito mais profundo e mais rico do que estas citações. Mas podemos dizer que estes dados são, como sempre, do Concílio e representam a sistematização de uma nova teologia que continua a aprofundar o ensinamento do Concílio e, ao mesmo tempo, exige uma mudança do comportamento interno dos cristãos. Constatamos que passamos, gradualmente, do reconhecimento positivo do povo judeu e do judaísmo para a busca de uma compreensão dos valores intrínsecos da nossa fé, que são encontrados na existência do povo judeu e do judaísmo e, a partir deste reconhecimento, o cristão é chamado a uma mudança de estilo de vida: já não pode mais haver coerência da fé cristã com a manutenção do mesmo comportamento antigo. Isso indica que a Igreja está sempre vigilante enquanto não deixa de repetir e ensinar sobre a importância para os cristãos dessa relação com o povo judeu e o judaísmo. Sua pedagogia é o trabalho constante, sempre retornando ao ponto de referência que é o número 4 da Declaração Nostra Aetate e em segundo lugar propondo o contínuo aprofundamento desse ensino.

Por ocasião da celebração do 40º aniversário de Nostra Aetate, o Papa Bento XVI destacou a necessidade de implementação do ensinamento do Concílio Vaticano II, insistindo que as medidas já tomadas chamam a atenção para o que ainda não é vivido na prática. Mais uma vez, o Papa insistiu que a pregação e a catequese devem ser o espaço ideal para que essa dinâmica aconteça na vida cristã e que se conversa na forma de ser cristã. Deu-se um grande passo no reconhecimento do outro e a possibilidade de diálogo, agora é necessário avançar no campo da teologia. Possivelmente é uma tarefa difícil, mas é o único caminho para a verdadeira compreensão da missão da Igreja, que está ligada à sua relação com o povo judeu:

*"Quarenta anos se passaram desde que o meu predecessor, o Papa Paulo VI promulgou a declaração do Concílio Vaticano II sobre as relações da Igreja com as*

*religiões não-cristãs, Nostra Aetate, que abriu uma nova era nas relações com o povo judeu e lançou as bases para um diálogo teológico honesto ... neste aniversário, em que voltamos o nosso olhar para as quatro décadas de contatos frutuosos entre a Igreja e o povo judeu, precisamos renovar nosso compromisso com o trabalho que, todavia, resta ser feito. Assim, desde os primeiros dias de meu pontificado, em particular durante a recente visita à Sinagoga de Colônia, eu expressei minha vontade de seguir os passos traçados pelo meu predecessor, o Papa João Paulo II. O diálogo judaico-cristão deve continuar a enriquecer e aprofundar os laços de amizade que se desenvolveram, e a pregação e a catequese devem comprometer-se a garantir que se apresentem nossas relações mútuas à luz dos princípios estabelecidos pelo Concílio...*"<sup>27</sup>

Em uma perspectiva histórica verifica-se que, embora 50 anos decorridos desde o Concílio Vaticano II é realmente um curto espaço de tempo em comparação ao longo período de afastamento e desconhecimento da importância do povo judeu e do judaísmo na consciência cristã . Mas devemos reconhecer que a consciência desta questão, expressa em número 4 da Declaração Nostra Aetate, produziu uma profunda reflexão no seio da Igreja e levou a algumas mudanças positivas na prática dos cristãos. Não há como negar os avanços ocorridos na área da reflexão teológica presente em muitos documentos da Igreja. O trabalho é grande, no entanto, a necessidade de continuar e fazer avançar a nova consciência da fé e fundamento teológico para uma forma integrada de fé é reconhecido.

Para a vasta extensão da Igreja, em complexidade e tamanho, constata-se que em muitos lugares, o ensinamento do Concílio sobre a relação entre cristãos e judeus segue as exigências feitas pela Igreja, mas em muitos lugares estes ensinamentos entraram timidamente e em outros lugares ainda não chegaram. O ritmo de assimilação está descompassado, o processo é longo e o desafio continua a ser importante, mas é reconfortante ver que não há retorno, a Igreja continua através de

---

<sup>27</sup> . BENEDICTUS PP. XVI, Vaticano, 26 de outubro de 2005.

documentos e declarações recentes afirmando a obrigação de manter essa relação e encontrar aprofundamento.

Concluo esta discussão citando um trecho de uma palestra dada em 2012 pelo cardeal Kurt Koch, presidente da Congregação para a Unidade dos Cristãos e Presidente da Comissão do diálogo com o judaísmo, onde ele fez um resumo histórico e constatou um progresso nas relações com o judaísmo baseado no número 4 da Declaração Nostra Aetate. Sua reflexão acrescenta novos elementos à teologia da Igreja, mostrando que o encontro com o povo judeu e o judaísmo se tornou uma necessidade sem a qual a Igreja não pode mais existir. Após a declaração do Concílio que disse que o mistério da Igreja está ligado ao povo judeu, o cardeal ensina que o povo judeu e o povo cristão são o único "povo de Deus". Esta condição não nos deixa margem para dúvidas.

Como diz Paulo, não há plenitude, sem a coexistência dessas duas realidades. Não se trata do desaparecimento de um sobre o outro, mas a manutenção das duas realidades complementares do plano de Deus para a humanidade. De uma declaração simples e providencial na Declaração Nostra Aetate, com grande dificuldade pelos representantes da Igreja na época do Concílio, há 50 anos, veio a redescoberta dos elementos essenciais da fé cristã, colocando Jesus Cristo e os apóstolos, em seus lugares certos e, ao mesmo tempo, a Igreja tentou corrigir os danos e o sofrimento causados ao povo judeu e ao judaísmo com o ensino do desprezo que obscureceu parcialmente a identidade cristã na história.

Vimos neste estudo que ocorre um *crescendo* ao longo dos anos da Nostra Aetate. A Igreja insiste, através de seus ensinamentos na formação nessa nova consciência e renovação de atitudes cristãs em relação aos judeus e ao judaísmo. O progresso é grande, mas há um grande trabalho a fazer. Os instrutores, todos (a começar pelos bispos) devem ser constantemente treinados para transmitir, como tem sido repetido várias vezes. A pregação e a catequese devem ser os locais privilegiados onde esses ensinamentos devem ser apresentados de forma integrada



na vida cristã .

O povo judeu foi escolhido para ser o protagonista de Deus na história. Esta eleição é para a redenção da humanidade. A Igreja é parte (herdeira) desta promessa ao povo judeu e sua missão só acontece de maneira completa, de modo total, em sua relação com o povo judeu. Como afirma o Cardeal Kurt Koch: ‘os dois, precisamente em suas diferenças, formam uma unidade que gera uma bênção para si e para toda a humanidade, mas isto não ocorre sem esse relacionamento’:

"Nas últimas décadas, o "diálogo ad extra" e o "diálogo ad intra" levou a uma crescente compreensão de que os cristãos e os judeus são dependentes um do outro de forma clara e o diálogo entre eles, para a teologia, não é uma questão de eleição, mas uma obrigação. Judeus e cristãos são precisamente, em sua diferença, o povo de Deus, capazes de enriquecer um ao outro em uma amizade recíproca. Não tenho o direito de julgar o que o judaísmo pode ajudar com este diálogo por conta própria. Só posso unir-me ao Cardeal Walter Kasper, na esperança de que eles reconhecem que "o judaísmo separado do Cristianismo" significa "privá-lo de sua universalidade", que havia sido prometida a Abraão. Mas, no que diz respeito à igreja cristã, sem dúvida que sem o judaísmo, a Igreja corre o risco de perder o seu lugar na história da salvação e, finalmente, perder-se em uma gnose contrária à história ... Estaremos agradecidos por todas as contribuições para ampliar o diálogo com o judaísmo com base na "Nostra Aetate" e chegar a um melhor entendimento entre judeus e cristãos, para que judeus e cristãos, como o único povo de Deus, possam ser testemunhas de paz e reconciliação no mundo de hoje não conciliado possam ser uma bênção, não só entre si, mas também para toda a humanidade. "<sup>28</sup>

Elio Passeto, nds  
Jerusalem - Israel

---

<sup>28</sup> . **Cardenal Koch Kurt**, Conferência da Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino, Roma, 16 de maio de 2012, em: <http://www.zenit.org/151> (26.10.12).